

# A violência contra as Mulheres

written by Sílvia Pinto | 8 de Dezembro, 2025

**OCIDADÃO**  
Journalism Libre

**OPINIÃO**  
Sílvia Pinto



*Segundo dados estatísticos, a repulsa, desprezo, discriminação, ódio ou a violência contra pessoas do género feminino é maior do que a registada por motivo de orientação sexual, raça, religião, etnia, aparência ou condição social.*

*Citando o filósofo e historiador Leandro Karnal, “A tradição da misoginia é, certamente, a mais sólida de todas as tradições preconceituosas do planeta. A misoginia é o preconceito mais antigo, estruturado e danoso de todos. [...] A violência contra a mulher é histórica e cultural e irá aumentar à medida que a consciência feminina trazer essa questão cada vez mais à tona para debate. Ela deve aumentar exatamente porque as mulheres, com toda razão e muita dignidade, estão enterrando um período histórico de aceitação da violência, estão enterrando séculos de tolerância ao*

*assédio, séculos de ocultação da violência doméstica. Nós temos dias muito promissores na luta pelos direitos das mulheres pela frente. Mas teremos também muita violência.”*

A violência contra as mulheres é praticada no contexto de uma determinação e distribuição social dos papéis masculino e feminino, atribuindo pesos e importâncias diferenciados a cada um, na medida em que supervaloriza os masculinos em detrimento dos femininos. A inferiorização dos papéis desempenhados pelas mulheres e a subordinação a que elas são submetidas, além de por si só já serem intensamente prejudiciais às mulheres, normalmente vêm acompanhadas de outras espécies de violência: física, psíquica, emocional, sexual, financeira e patrimonial, entre outras.

É assim que, de forma consciente ou não, com mais ou menos intensidade, a discriminação, dominação e submissão das mulheres opera-se nas relações sociais e nas relações interpessoais, levando em muitos casos, exatamente em face do desequilíbrio do poder, aos reiterados episódios de violência. Só uma profunda mudança de mentalidade possibilitará a equidade de direitos, independentemente do gênero. Fica a esperança de que as gerações futuras assumam uma posição mais justa e igualitária. As gerações do futuro, porque, atualmente, o cenário é extremamente perturbador. Entre a retórica de defesa e a prática de defesa da mulher-vítima há um abismo! A mulher-vítima, além de alvo do agressor, é, não raras vezes, nos meios em que circula, uma pessoa incômoda, que contraria a pseudonormalidade quotidiana, que arranja problemas quando tudo estava (vamos fingir que sim) na santa paz de Deus. Mulher duplamente vítima. Vampirizada de tudo, por muitos. Até pelo silêncio do fazer-de-conta-que-nada-aconteceu. Haja esperança nas gerações futuras!